

3. Metodologia de pesquisa

Com a diversidade sexual e de gênero na educação como tema, as atividades pedagógicas que trabalhavam diretamente esta questão como objeto e os limites e oportunidades dos caminhos didáticos escolhidos pelos educadores/as como questão – além de uma imersão prévia no contexto com o qual estávamos trabalhando - pudemos iniciar a discussão de que metodologia seria mais adequada para este trabalho de pesquisa. Tínhamos também algumas fontes de dados, das quais os cadernos/diários onde os/as educadores registraram suas atividades didáticas – entre outras coisas - emergiam como preferenciais.

3.1 Análise de conteúdo

Como o objetivo não era produzir uma análise aprofundada de uma única experiência, mas tentar construir uma leitura ampla de diferentes intervenções pedagógicas – buscando assim as recorrências, as semelhanças e distinções entre elas, optamos, como metodologia, pela Análise de Conteúdo. Que se mostrava mais adequada também por conta do nosso potencial material de pesquisa: registros textuais – seja nos cadernos/diários ou em fichas de inscrição e relatórios de oficinas – já produzidos, sob circunstâncias que não se repetiriam.

A análise de conteúdo, diferente da análise de discurso, não tem como foco principal o sujeito que produz e as condições de produção do discurso. Ela vai se ater ao texto, dialogando teoricamente, produzindo uma interpretação que possa nos ajudar a compreender um contexto, um aspecto de práticas e relações sociais num determinado universo.

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do corpus do texto, considerável atenção está sendo dada aos "tipos", "qualidades" e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a

análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (Bauer, 2008, p.190)

Nossa preocupação nessa análise não foi quantitativa. Buscamos aqui as reiteraões, as recorrências e, porque não, as excepcionalidades e as ausências, construindo categorias de análise que nos permitissem interpretar os textos da nossa base de dados. Categorias essas produzidas no diálogo entre o que extraímos do texto e as discussões acadêmicas recentes no campo de interseção entre gênero, sexualidade e educação.

3.2 Organização e recorte da base textual

Diante de tudo isso, definimos, no universo de fontes disponíveis, que nossos materiais de pesquisa seriam:

a) *Os registros em diários de atividades* produzidos por profissionais de educação atuantes nas redes públicas de educação básica - participantes de cursos de formação realizados no ano de 2010 na região metropolitana do Rio de Janeiro.² Decidimos restringir a análise apenas aos diários produzidos nesta região para tentar minimizar a interferência de outros fatores, relacionados à constituição das redes e à realidade sócio-cultural – embora mesmo a região metropolitana do Rio guarde contradições e diferenças significativas na sua constituição social.

Ao todo, reunimos 37 cadernos/diários, 21 produzidos por professores/as atuantes em sala de aula, 12 por diretores/as ou coordenadores/as pedagógicos/as e 4 por outros profissionais de educação. Estes/as profissionais – em sua grande maioria mulheres - atuavam em diferentes níveis de ensino (em alguns casos em mais de um): 12 na educação infantil, 15 no ensino fundamental, 9 no ensino médio, 8 na educação de jovens e adultos e 2 em cursos técnicos.

É importante ter clara a diferença entre o caderno/diário em si, um material extenso e diverso, e os diferentes *registros* que encontramos em cada um deles, trechos que contam passagens ou abordam questões específicas. O recorte de um trecho e sua conversão num registro é obra do próprio trabalho de pesquisa e parte

² No anexo II disponibilizamos a cópia digital de partes de diários, para que seja possível a visualização do que foi o nosso material de pesquisa de fato.

inicial da organização do texto e permite perceber uma dimensão quantitativa da recorrência das categorias de análise.

Este foi, de fato, nosso material base, a partir do qual construímos as categorias de análise tanto sobre o contexto quanto sobre a prática pedagógica. É importante lembrar que estes materiais não foram produzidos intencionalmente para a pesquisa, o que reforça nossa opção pela Análise de Conteúdo como estratégia metodológica.

b) *Entrevistas semi-estruturadas* com 5 educadores/as dentre os/as cursistas autores de registros analisados que tenham realizado atividades em escolas – independente do formato ou das repercussões que apontem – que tenham trabalhado de forma explícita a questão da diversidade sexual e de gênero³. A seleção destes/as educadores/as foi feita já a partir da análise das atividades pedagógicas. Essas entrevistas foram feitas depois da análise de todo o material impresso e já orientadas pelas categorias de análise que havíamos construído. Assim, entrevistamos um/a educador/a por cada eixo em que foram organizadas as intervenções didáticas – como descrevemos mais à frente na análise dessas intervenções.

O objetivo destas entrevistas foi aprofundar determinadas questões levantadas na análise dos cadernos/diários, mas que não nos pareciam suficientemente trabalhadas nos registros.

3.3 Digitalização e endentação dos textos

Todo esse material foi digitalizado e trabalhado em um programa específico para análise de conteúdo.⁴ A partir daí, fragmentamos o texto em unidades mínimas para análise. Ou seja, nas menores partes de texto que ainda guardassem sentido. Essa endentação não é uma divisão do texto em conjuntos sintáticos, mas sim semânticos. O que está em questão não são as orações (sujeito + verbo + predicado), mas os significados que vão se articulando no texto e que produzem o seu sentido geral. Cada fragmento não tem que ter vida própria 'gramatical', mas

³ No Anexo I disponibilizamos o roteiro que orientava as entrevistas.

⁴ ATLAS ti v 6.0 licenciado para o PPGE | PUC-Rio

precisa necessariamente agregar, por si, um sentido específico ao que o texto vem construindo.

Cada unidade destas pode produzir uma interpretação. Reporta a questões que já são discutidas pelo campo hoje ou pode inspirar novas. Nem sempre elas fazem sentido por si. Mas essa fragmentação permite que possamos, primeiro, enxergar melhor o texto, em seus detalhes, nas partes que o compõe e que produzem, articuladas, o significado geral que apreendemos deste trecho. Em segundo, que possamos articular partes deste registro com partes de outros, compondo assim uma articulação em que vão se evidenciar as recorrências, as diferenças, as aproximações e afastamentos.

Não são estas unidades de texto que vão formar a rede de sentidos mais à frente, mas elas são a materialidade a partir da qual vamos construir as categorias de análise com as quais podemos pensar o contexto - que, afinal, é o nosso objeto de estudo.

3.4 Construindo categorias de análise

A partir da leitura e da endentação do texto, construímos *categorias de análise*, agrupadas em eixos temáticos. Algumas categorias nos ajudam simplesmente a organizar o texto. Outras servem para marcar questões específicas que vão surgindo nos relatos. Durante o processo de classificação, pudemos perceber o quanto as categorias criadas a partir da leitura inicial faziam ou não sentido. Descartamos algumas categorias, transformamos outras, criamos novas, num trabalho que não tem a intenção de adequar o texto às categorias, mas sim de construir categorias que dialoguem com aquele texto.⁵

O próprio processo de classificação nos fez também redividir as próprias unidades de análise, repensando a endentação e produzindo novas unidades de sentido. É justamente essa leitura esmiuçada, pedaço a pedaço, que garante uma interpretação mais consistente – não no sentido de mais válida, mas de mais fundamentada. Como nos diz Bauer, a análise de conteúdo "é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira *objetivada*. (...) Maneira objetivada refere-se aos procedimentos sistemáticos,

⁵ A descrição e análise dos eixos e categorias será feita nos dois capítulos seguintes.

metodicamente explícitos e replicáveis: não sugere uma leitura válida singular dos textos." (2008, p.191). Se é consenso que toda análise é, necessariamente, uma interpretação (possível), esse método de leitura e classificação ponto a ponto nos ajuda – embora não nos salve completamente do risco - a evitar aferições generalistas ou – pior ainda – uma série de inferências a partir das ‘sensações’ que temos do texto. Como nos diz Freire (1996), “o importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica. (p.45)

Além disso, qualquer trabalho de pesquisa está politicamente marcado – mesmo que não admita, o que exige, neste aspecto, um exercício não de despolitização, mas de relativização e estranhamento diante de conclusões apressadas que nossos pressupostos teórico-políticos possam produzir. Todo trabalho de pesquisa é sempre um recorte. Significa sempre eleger certos aspectos e ignorar outros. As categorias que utilizamos nem de longe esgotam os textos, nem tampouco bastam a si mesmas. Mas podem ser importantes/interessantes se articuladas com o que vem sendo discutido no campo hoje.